



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

GT: Direitos Humanos, Diversidade Humana e Serviço Social

SERVIÇO SOCIAL ENQUANTO FERRAMENTA DE ACESSO À CULTURA

Janiely da Silva Lima¹

Luana de Sá Moreira Silva²

Mayanne Kelly Macedo Torres³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise acerca da formação cultural brasileira e relacionar com os objetos de estudo do Serviço Social, para que seja possível evidenciar a importância da inserção do assistente social na política de cultura. A análise foi feita com base na leitura de textos das áreas mencionadas e a partir das informações obtidas, foi realizada uma reflexão entre a teoria e prática dos assistentes sociais em seus espaços de ocupação, de maneira a relacionar a importância do trabalho com o âmbito cultural diante das adversidades enfrentadas pela lacuna presente na inserção profissional neste meio.

Palavras-chave: Serviço Social, cultura, questão social e direitos sociais.

1 INTRODUÇÃO (SEÇÃO PRIMÁRIA: MAIÚSCULO COM NEGRITO)

A cultura é um importante componente das sociedades em termos históricos, políticos, sociais e mesmo de lazer. A partir disso, o presente trabalho discute as possibilidades, dentro do campo de atuação de Assistentes Sociais, de valorização da cultura como um elemento fundamental da democracia e da viabilização de direitos na sociedade brasileira. Para isso, existem algumas etapas que devem ser esclarecidas, a fim de compreender a relação de cultura, sociedade e o fazer profissional de assistentes sociais.

Diante dessas e outras particularidades, o trabalho procura entender como a formação social brasileira e a “Questão Social”, objeto de estudo dos assistentes sociais, interfere na construção da cultura e da práxis cultural no Brasil, relacionando-a com a discussão do âmbito sociocultural. Dessa forma, torna-se possível instaurar as devidas provocações na perspectiva materialista, considerando a totalidade das categorias presentes na fetichização no âmbito

¹Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: janiely.lima.701@ufrn.edu.br

²Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: luana.sa.101@ufrn.edu.br

³Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: mayanne.torres.701@ufrn.edu.br



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

cultural que esboçam a indústria da cultura como forma de alienação das massas, principalmente na conjuntura neoliberal. Sabendo disso, este artigo trará conhecimentos coletados sobre a cultura brasileira, sua construção e a questão cultural.

Além disso, essa análise buscará abranger a relação entre o fazer profissional de Assistentes Sociais com a abordagem da questão cultural por meio da sua correlação com a questão social. Uma vez que, a cultura é uma ferramenta de valor político e social a comunidade, incumbindo-se de possibilitar o acesso ao direito, por meio da sua conduta crítica, e também de ser um direito humano básico, por sua condição lúdica de proporcionar o lazer. Sabendo disso, é importante falar que hoje o Serviço Social tem se distanciado do debate e da luta por reconhecimento do direito à cultura, já que não há produções no campo do Serviço Social suficientes para que sejam reaproveitadas. É necessário buscar em outras áreas o embasamento teórico para produção de material novo, o que nos faz indagar sobre as atribuições do assistente social e as possíveis perdas que a categoria sofre com essa lacuna em aberto. Dessa forma, busca-se analisar a relação cultura-Serviço Social, a partir da perspectiva de outras áreas adjacentes e relacionar a categoria profissional dos assistentes sociais com as áreas que são passíveis de atuação, neste caso, a cultura.

Esclarecidos esses pontos, o presente trabalho vai se dedicar a aprofundar inicialmente os conhecimentos apanhados a partir de revisão bibliográfica sobre o contexto histórico cultural do Brasil, a partir da discussão das particularidades do país. Seguido a isso haverá elaborações sobre a indústria cultural e a produção de uma cultura voltada a lógica mercadológica, para então associar o serviço social ao debate e conseguir pôr fim relacionar a importância de Serviço Social intervir na produção cultural de forma a estimular uma cultura criticamente direcionada e socialmente elaborada.

2 FORMAÇÃO CULTURAL DO BRASIL

O Brasil é um país historicamente marcado pelas raízes profundas da colonização, exploração e do sincretismo. Sabendo disso, dá-se o destaque a esses aspectos históricos dentro da discussão deste trabalho por serem intrinsecamente vinculados ao debate de cultura, uma vez que são determinações sociais que possuem grande influência na formação histórica-social-econômica e política do país. Por isso, vamos ao longo deste tópico entender um pouco mais



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

destas determinações, a fim de compreender o contexto que se insere e constrói a cultura no Brasil.

Posto isso, o processo de colonização do Brasil é um elemento central da formação social e cultural brasileira devido a seu papel fundante de inserção do país na economia mundial. Uma vez que, foi a partir desse processo exploratório que o Brasil, ainda que de forma subordinada e subjugada às vontades dos colonizadores, teve contato com outras sociedades e adentrou o processo capitalista de produção tornando-se o que é hoje. Então, entendemos que a colonização determina economicamente, politicamente e socialmente a formação brasileira, mas de que maneira entende-se a cultura nesse processo?

Para além da compreensão de que a cultura se forma a partir da junção política, social e econômica, é importante entender que a colonização trouxe à sociedade brasileira o contato com um projeto cultural concretizado, em discrepância ao projeto proposto em contexto nacional (COUTINHO, 2013). O projeto designado “cultura universal” (COUTINHO, 2013), diz respeito ao processo de universalização da cultura europeia a partir do da colonização, que por meio do intercâmbio universal do mercado estabelece relações econômicas influenciando numa interdependência das nações e conseqüentemente numa troca intelectual, tal qual afirmam Engels e MARX. Logo, o Brasil foi um alvo fácil de apropriação para a “cultura universal”, uma vez que não apresentava traços culturais marcantes para resistir à influência externa.

Diante disso, a cultura brasileira constrói-se a partir de influências externas e burguesas formando a “questão cultural”. Essa questão, tal qual descreve Coutinho (2013), é expressão da forma como a cultura universal introduziu-se entre nós e do formato que se dão as transformações político-sociais brasileiras, denominadas por Gramsci como “revoluções passivas” que são ações políticas fomentadas “pelo alto”, o que significa dizer conduzida pelas classes dominantes. À vista disso, o que podemos falar acerca dessas classes é que, ainda que disputando pela hegemonia entre seus próprios segmentos internos, jamais vacilam em se unir contra as necessidades e mobilizações da classe trabalhadora. Sendo assim, a produção cultural brasileira não foi pensada a partir das massas populares e nem produzida em prol das suas pautas estando sempre alheia ao debate da “questão social”.

Fundamentado nisso, compreender o conceito de “questão social”, do campo do serviço social, é relevante ao debate sobre a cultura, uma vez que em sua formação nacional e



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

valores críticos não há como isentar o diálogo social. Portanto, quando nos referimos à “questão social”, estamos falando das:

[...] expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão. (CARVALHO e IAMAMOTO, 1983, p.77)

Logo, a questão social é expressão das contradições fundamentais do sistema capitalista de produção. Contradições essas, originadas do processo de acumulação ou reprodução ampliada do capital, onde a desigualdade e a pobreza são socialmente produzidas, alimentando uma estrutura que se baseia na acumulação de riqueza. Tendo isso em vista, analisar a complexa totalidade dos sistemas de mediações em que a “questão social” acontece requer salientar a pesquisa das diferenças histórico-culturais, conseqüentemente, trazendo uma compreensão das contradições sociais que movem os interesses sociais dos sujeitos, individuais e coletivos que as vivenciam. A partir disso, pode-se compreender a ação profissional do assistente social, a qual está pautada nas intervenções da "questão social" e como se faz necessário o saber histórico-cultural dos sujeitos para que a categoria alcance a subjetividade e complexidade da realidade social em que atua, criando assim os instrumentais necessários para transformá-las, dentre eles as práticas culturais.

Para mais, a cultura configura-se como algo exclusivamente humano, assim como Marx (1980) dizia que o trabalho era a diferença fundamental do ser humano em relação a outras espécies, uma vez que, enquanto instrumento de construção do ser social, a cultura traz uma estrutura de compreensão da identidade e do meio em que vive, ou seja, se trata de alimentar a historicidade dos cidadãos, o que revela a noção de que o modo pelo qual os homens formam e vivem em seu espaço social, determina as possibilidades culturais que serão vivenciadas. Conforme Marcelo Braz (2013), na cultura e nos seus produtos, os homens vinculados a determinados grupos e classes sociais também evocam seus interesses e dão vazão aos seus sentimentos de classe que permeiam seus gostos estéticos, bem como manifestam suas formas de ver o mundo que os circunda. Entretanto, diante do atual cenário de contrarreformas neoliberais e suas ideologias conservadoras, a cultura se encontra em uma posição na qual a



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

população não a consome e, na verdade, é distanciada dos indivíduos, visto que o Estado prioriza os lucros e não a difusão cultural. O povo faz cultura, mas diante o neoliberalismo e as contradições da “questão social”, faz-se necessário o Estado se responsabilizar inalienavelmente para com o povo, colocando a cultura como produção e não como lucro. A cultura permeia e contorna a historicidade dos indivíduos, o que a faz um crucial dispositivo modificador das expressões sociais, portanto, ela está à frente da noção construída pelo Estado neoliberal de torná-la objeto preenchedor de demandas capitalistas.

Ao falarmos de cultura, é importante frisar a sua importância como uma política pública que está para além do cenário capitalista neoliberal no qual estamos inseridos, compreendendo-a como um direito de todos os cidadãos. Posto isso, a cultura é uma importante ferramenta no que diz respeito ao desenvolvimento humano e social, portanto, a implementação de políticas públicas deve estar pautada além do âmbito econômico, garantindo assim a conservação da identidade e fomentando os saberes populares.

No entanto, falar de políticas públicas para a cultura, é falar sobre a maneira em que o Estado visa essa política. Levando em conta as práticas neoliberais apropriadas pelo Estado, o mesmo acaba por focalizar a sua visão de cultura como sendo um produto do mercado, ou seja, da indústria cultural, o que faz das ações estatais desviantes da noção de cultura como sendo fundamental para o desenvolvimento social, histórico e político. Dessa maneira, se torna interessante pensar a cultura com propostas intersetoriais, assim dizendo, com uma articulação entre as variadas políticas públicas, de modo que não coloque a cultura em uma posição isolada.

Conforme Chauí (2006), a cultura não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões do mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada pois, a partir das experiências culturais, os indivíduos, sendo esses ativamente políticos e sociais, passam a modificar as suas formas de manifestações, fazendo circular as várias maneiras que a cultura possui de se expressar e modificar a realidade dos sujeitos (Chauí, 2006). Sendo assim, investir em um cenário cultural amplamente acessível é fomentar a capacidade cidadã de se reconhecer na sociedade e transformá-los em partícipes com voz, ativamente atuantes no processo de construção de seus



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

territórios e de suas realidades, promovendo assim a construção da classe para si, superando a noção do sistema capitalista de produção.

Desse modo, no presente artigo, é resgatado o entendimento de que tal "questão social" é identificada dentro das manifestações de natureza social, política e cultural. Nesse sentido, significa dizer que a cultura, sendo uma ferramenta política de enfrentamento das condições vigentes do capital, fomenta a inter-relação do indivíduo como feitor da sua identidade histórica, portanto, sendo representante de si mesmos e dos outros. Logo, estimular o desenvolvimento cultural é assentar no solo histórico de um povo a sua capacidade de transformar situações produzidas pelas condições sociais através de um posicionamento crítico que o torne ferramenta de mudança da realidade em que estão inseridas.

2.1 INDÚSTRIA CULTURAL

Tendo em vista a formação cultural brasileira e seguindo a perspectiva materialista vista em Marx, a alienação se trata de um processo objetivo e historicamente situado causado pela contradição entre a propriedade privada e o trabalho (MÉSZAROS, 2006). Consequentemente, esse é o processo que se dá quando o produto do trabalho se apresenta de forma autônoma de quem o produziu, ou seja, o ser humano que produziu não se reconhece no produto final de seu trabalho. Assim, as relações sociais executadas para a produção da mercadoria são suprimidas pela exploração existente no momento de sua realização.

A vista disso, podemos dizer que as relações sociais, no modo de produção capitalista, são realizadas a partir da interação do capital, objetificando os sujeitos e humanizando os objetos, invertendo os papéis sociais e coisificando as próprias relações sociais, concretizando o processo de fetichização da mercadoria juntamente com a alienação. Esse processo reformula a sociedade, retirando a centralidade do trabalho e do indivíduo, substituindo-os pelos princípios fundamentais de acumulação do capital (NETTO, BRAZ, 2017).

A partir dessa perspectiva, quando trazemos a discussão para o âmbito cultural, atravessamos a formação da indústria cultural e seu papel fundante como mecanismo de reprodução do capitalismo. Sobre isso, Adorno (1947) afirma que a indústria da cultura



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

requer e/ou impõe uma relação de proximidade com o homem no sentido de que a arte ou o objeto da cultura o obedece. No entanto, apesar de a produção cultural ser coletiva através do indivíduo que a produz - mesmo que este não tenha consciência sócio-histórica - é comum que a indústria de mercado cultural determine a necessidade social de tornar o conjunto arte-cultura como um negócio que desempenha a função de meio de reprodução.

O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. (...) A indústria cultural abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade destas que ela toma como dada a priori e imutável. É excluído tudo pelo que essa atitude poderia ser transformada. As massas não são a medida, mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta última não possa existir sem a elas se adaptar (ADORNO, 1971, p.287).

Portanto, a arte e as expressões culturais pensadas para a lógica mercadológica cultural não convêm para o pensamento crítico devido a imposição da indústria, que por sua vez se encontra dominada pelo modo de produção capitalista e se materializa de maneira a produzir-se e reproduzir-se, mediada pelos meios de comunicação dominados pela lógica neoliberal. Tal qual, Coutinho (2013) afirma quando articula sobre a cultura universal, elemento já presente no período de colonização e decorre do processo de subordinação real decorrido da colonização brasileira e do procedimento de subordinação formal. Esses fenômenos são produto da necessidade de assegurar a dominação e controle dos colonizadores sob a colônia, sendo a subordinação real o sistematizador do modo de produção econômico da colônia e a subordinação real uma consequência direta do primeiro modo de subordinação e que até hoje apresenta suas consequências ao país.

Nesse sentido, a experiência artística se corrompe à medida que as técnicas utilizadas não se opõem e não se distanciam da realidade vigente. A indústria da cultura tem como método de operação a inserção da cultura dentro da lógica mercadológica, tendo como resultado o esvaziamento da experiência subjetiva e do pensamento crítico ao passo que o valor de troca se coloca acima do valor de uso. Em uma esfera subjetiva, a lógica neoliberal transforma o consumo em valor de troca, se fazendo assim mais importante o ato de consumir, do que a real necessidade do produto (LEAL, 2006). Neste caso, a arte-cultura se torna uma mercadoria e perde seu valor de uso - seu significado social, histórico e cultural -, e passa a ser um mero artigo de consumo, sucumbindo à fetichização da mercadoria e à alienação das massas.



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

A cultura de massas (ADORNO, 1947), possui procedimentos padrões que se reproduzem e se repetem com o objetivo de causar uma experiência estética⁴ ou uma percepção que seja voltada para o consumismo.

Toda a cultura de massas em sistema de economia concentrada é idêntica, e o seu esqueleto, a armadura conceptual daquela, começa a delinear-se. Os dirigentes não estão mais tão interessados em escondê-la; a sua autoridade se reforça quanto mais brutalmente é reconhecida. O cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia (ADORNO, 1947, P. 5-6).

A relação direta entre a cultura de massas e a indústria cultural é a influência que uma possui na outra, onde a cultura de massas com seu mecanismo de utilizar aparatos históricos, técnicos e sociais para reproduzir a ideologia neoliberal conservadora, servirá de instrumento para a indústria cultural concretizar o projeto societário burguês de percepção fatalista e acrítica da realidade.

No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente (BENJAMIN, 1985, P.183).

A análise dos períodos históricos em que a arte-cultura foram produzidos enquanto categoria de valor de uso, se fazem imprescindíveis tendo em vista a análise do modo de produção capitalista e suas protoformas, que irão influenciar a forma que a industrialização cultural atua, bem como a forma que a sociedade se organiza no período de sua criação, que segundo Adorno (1949):

(...) o seu supremo fetiche é o conceito de cultura enquanto tal. Pois nenhuma obra de arte autêntica e nenhuma filosofia verdadeira jamais esgotaram seu sentido em si mesmas, em seu ser-em-si, sempre estiveram relacionadas ao processo vital real da sociedade, do qual se separaram. (ADORNO, 1949, p. 49)

Portanto, analisar a cultura sem o aparato materialista histórico e dialético significa contribuir para a promoção do elitismo cultural. Equivale a vender os olhos para a consubstancialidade existente entre as relações sociais que formam as práticas artísticas e que

⁴ Para Kant, a vivência estética é propriamente a vivência de um indivíduo, é uma vivência radicalmente subjetiva. (SANTOS, 2010, p.)



estão diretamente ligadas à perspectiva revolucionária, tão necessária para a construção da democratização cultural.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como metodologia para elaboração do artigo optamos por realizar uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica, utilizando autores clássicos do campo da arte e cultura como Theodor Adorno e Walter Benjamin, bem como autores base do Serviço Social como Yamamoto e Marcelo Braz, para incorporar e fomentar o debate de maneira que as duas áreas fossem mescladas de forma a fazer possível a percepção sobre a importância das atuações profissionais no campo não explorado. Foram feitos levantamentos das informações a partir de livros e artigos, relacionando a prática cultural de outras áreas com as atribuições dos assistentes sociais em seus espaços de ocupação.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: SERVIÇO SOCIAL E CULTURA

Ao analisar a cultura por meio das teorias marxistas e do materialismo histórico dialético, podemos relacionar, tendo em vista sua característica emancipatória, como a profissão do Serviço Social possui grande vínculo com a temática. Ainda que a profissão não se insira nos espaços culturais, esta vem historicamente lutando dentro da divisão sócio-técnica do trabalho, atuando em um espaço de contradições que o Modo de Produção Capitalista acarreta, utilizando-se da “questão social” como objeto de estudo e intervenção. Dessa forma, se comunicando com as discussões de cultura refletindo sobre suas implicações no direito de cidadania, bem como a função do Serviço Social frente às demandas sociais que surgem, de acordo com as expressões da “questão social”, nessa área.

Quando se fala sobre expressão da questão social, podemos elucidar o vácuo presente no reconhecimento da cultura enquanto método de nos identificarmos enquanto sociedade e o direito a nossa cidadania, afinal, “[...] qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (Benjamin, 1985, p. 124). Apesar de vivenciar outra realidade sócio-histórica, Walter Benjamin (1985) irá questionar sobre os valores artístico-culturais, articulando o debate com a perspectiva marxista da produção cultural em meio ao capital. Dessa maneira, faz-se possível relacionar o questionamento feito pelo autor com o direito de cidadania e cultura brasileiros. Se a cultura não se relaciona com os indivíduos



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

que a consomem, bem como aos que a produzem, qual o valor dela? Já que, devido a sua formação no Brasil, entendemos a cultura a partir de seu conceito ampliado, associada ao conjunto de experiências artísticas e tradicionais, bem como a um direito definido pela Constituição Federal de 1988, as práticas culturais podem se manifestar enquanto instrumentos de capacitação pedagógica no que diz respeito, neste caso, à compreensão das relações sociais no modo de produção capitalista, bem como da subjetividade dos indivíduos e seu cotidiano⁵. Dessa forma, a prática cultural consegue se vincular aos indivíduos, atribuindo valor e se tornando um meio para que se faça possível a viabilização de direitos através do repasse do conjunto de saberes que é a cultura.

Tendo em vista o apanhado histórico envolvendo a formação cultural brasileira e a indústria da cultura, bem como o acrescento da perspectiva materialista, histórica e dialética como ferramenta de análise da conjuntura e levando em consideração as bases que o Serviço Social brasileiro foi construído, como também as formas de sua atuação profissional, podemos afirmar que, apesar de não explorado pela categoria, o campo da cultura se faz possível de materialização para atuação dos assistentes sociais em seu âmbito de trabalho e intervenção. A cultura, entendida pelo conceito ampliado de práxis social (Pestana, 2011), ou seja, aquele campo que engloba todas as manifestações dos homens e que se apresenta de formas variadas na sociedade -entendendo a cultura para além de uma prática apenas artística-, é uma dimensão social, política e econômica, onde cuja função do Estado é garantir “[...] a todos o pleno exercício dos direitos culturais” (Brasil, 1988).

Dito isso, já que compreendemos por função social da cultura sua forma de se materializar e se instrumentalizar nas reflexões críticas sobre a realidade, promoção de mudanças sociais no campo objetivo e subjetivo e a reafirmação e resistência de tradições de povos que foram marginalizados, podemos dizer que “a arte como conhecimento pode nos revelar um pedaço do real, não em sua essência objetiva, tarefa específica da ciência, mas em relação com a essência humana” (Garcia e Silva *apud* Lukács, 1978, p. 65). Substituindo arte por cultura, podemos compreender que através das práticas culturais, faz-se possível a execução de atividades que possibilitem a viabilização de direitos e o fortalecimento popular, já que a

⁵ Entende-se que o cotidiano, espaço ineliminável e insuprimível, é parte constitutiva – e central – do acontecer histórico, porquanto é na vida cotidiana que ocorre a reprodução social, quando da reprodução dos indivíduos enquanto tais (CARDOSO, FERRAZ, 2018, p. 3).



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

práxis cultural é entendida como meio revolucionário de lidar com a opressão, bem como fortalecer a humanização e auxiliar no espraçamento dos direitos sociais dos indivíduos e sua pluralidade social.

Sendo então, a cultura um direito social que expressa a cidadania, e entende-se como fundamental a criação de políticas públicas que funcionem de forma intersetorial e multiprofissional, de maneira a conversar com os demais projetos sociais para que o isolamento das práticas culturais seja evitado, podendo possibilitar a integralidade e universalidade de sua abrangência nas oportunidades oferecidas à população. Dessa maneira, o assistente social desempenha o papel de agente possibilitador na luta por direitos dentro das políticas culturais que, ainda que escassas, podem e devem ser campo de atuação do Serviço Social uma vez que a profissão possui o caráter crítico e emancipatório tão ausente, porém indispensável para o âmbito cultural.

[...] a compreensão da esfera da cultura é fundamental para os assistentes sociais à medida que as suas ações profissionais, travadas na relação direta com as formas de vivência cotidiana dos sujeitos sociais, permitem identificar os modos como se forma a identidade social, o senso comum, a função das ideologias, dos mitos, ou seja, aquilo que Gramsci chamou de conformismo e, ao mesmo tempo, é o terreno para a criação de uma vontade política capaz de romper com a razão instrumental que funda a ordem capitalista (Simionatto, 2001, p.12).

Dentro do perfil crítico profissional, cabe ainda questionar se o estudo do campo cultural pelo Serviço Social não deveria ser mais presente, afinal, o assistente social enquanto agente ativo dentro das políticas públicas de direito social e humanização deveria se inserir nas categorias de garantia de acesso ao direito de cidadania, bem como nos programas sociais oferecidos pela política de cultura, além de mobilizações de equipamentos culturais e o trabalho de forma multiprofissional e interdisciplinar, entre outras formas de atuação.

Alimentado por uma atitude investigativa, o exercício profissional cotidiano tem ampliadas as possibilidades de vislumbrar novas alternativas de trabalho nesse momento de profundas alterações na vida em sociedade. O novo perfil que busca construir é de um profissional afinado com a análise dos processos sociais, tanto em dimensões macroscópicas quanto em suas manifestações quotidianas; um profissional criativo e inventivo, capaz de entender o “tempo presente, os homens presentes, a vida presente” e nela atuar, contribuindo, também, para moldar os rumos de sua história (Iamamoto, 2005, p.49).



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

Ainda mais, podemos elucidar o plexo de competências e habilidades realizadas entre as duas áreas, considerando o perfil interventor da categoria profissional, que se beneficiaria com as práticas artístico-culturais, podendo usá-las como forma de atuação, utilizando da dimensão pedagógica dentro dos espaços ocupacionais do Serviço Social, como na assistência e na saúde, valendo-se das próprias habilidades dos usuários. Assim, se faria possível a capacitação na esfera das pautas sociais de forma a criar consciência política e social, como também articular-se com os movimentos sociais de modo a fortalecer a autonomia dos usuários e ultrapassar o cotidiano, reforçando a crítica tanto ao seu objeto de estudo, quanto às novas áreas a qual busca-se articulação, afinal “[...] o criticismo só pode produzir novos conhecimentos quando ele próprio se envolve com aquilo que critica” (Burger, 1993 p.15-16).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho considera a temática pouco abordada no Serviço Social, levando em consideração as possibilidades de atuação dos assistentes sociais dentro da política de cultura, bem como a utilidade da área em suas formas de intervenção social, de maneira a transformar a realidade que os indivíduos estão inseridos, atuando sob a sociabilidade e cotidiano buscando a emancipação humana. Com isso, em uma análise crítica, tanto sobre a indústria cultural como também acerca da própria categoria do Serviço Social, percebemos a lacuna existente entre o exercício profissional e o âmbito cultural, especialmente ao relacionarmos a formação social da cultura no Brasil com a função que o assistente social desempenha na sociedade enquanto mediador das relações no modo de produção capitalista.

Dessa forma, ressaltamos a importância da intervenção profissional neste campo em concordância ao Projeto Ético-Político do Serviço Social, para que se faça possível a conscientização social de classe por meio do acesso à cultura. Cultura essa que deve ter relação direta com a sociedade que se insere, a fim de que, além da identificação da população com a representação cultural, as produções artísticas tenham significado e não representam unicamente as vontades do mercado de reprodução do sistema capitalista. A partir dessa compreensão, os profissionais de Serviço Social devem atuar fortalecendo os movimentos culturais em prol da cidadania e da edificação de direitos sociais.

Por fim, estabelece que o Serviço Social dentro de seus campos de atuação deve estimular e incentivar a produção artística por parte da sociedade civil e mesmo usuários dos



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

serviços trabalhados. Somado a isso, os profissionais também podem encontrar espaço para incentivar o cenário artístico dentro dos movimentos sociais e da luta por políticas públicas de incentivo à cultura nos espaços públicos de exercício da cidadania, para além de trabalhos de base com a população para compartilhamento de informações e construção de conhecimentos de base popular.

REFERÊNCIAS (não colocar numeração e centralizado)

A concepção Kantiana da experiência estética: novidades, tensões e equilíbrios. **Trans/Form/Ação**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 35–76, 2010. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1031>. Acesso em: 13 jul. 2024.

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1947. 70 p.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura – Volume 1. Série Obras Escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BÜRGER, P. “Teoria da vanguarda”. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BRAZ, Marcelo. **Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 248 p.

CONCEIÇÃO, Débora Guimarães da. O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social. **Serviço Social em Revista**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 50–67, 2010. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7542>. Acesso em: 13 jul. 2024.

Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 13 jul. 2024.

COTIDIANO DO TRABALHO PROFISSIONAL DA ASSISTENTE SOCIAL REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO DE LUKÁCS E HELLER, 16., 2018, Vitória. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. Espírito Santo: Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 2018. 17 p. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22124>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

DE SOUZA LIMA, G. ADORNO: A CRÍTICA DA INDÚSTRIA DA CULTURA DE MASSA E A ALIENAÇÃO IMPOSTA PELA MÍDIA. **Revista Contemplação**, [S. l.], n. 22, 2020. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/244>. Acesso em: 13 jul. 2024.



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

CHAUI, M. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 17o ed. São Paulo: Cortez, 2004.

INDÚSTRIA CULTURAL E ALIENAÇÃO, -, São Paulo. **PERIÓDICOS**: questões em torno da música brega. São Paulo: Adriana Facina. Disponível em: https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt6/sessao1/Adriana_Facina.pdf. Acesso em: 10 jul. 2024.

LEAL, Carlos Alberto Salim. **A indústria cultural como instrumento da hegemonia do neoliberalismo e as perspectivas de contra-hegemonia**. 2006. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LUCENA, João Paulo Freitas. O ASSISTENTE SOCIAL E A POLÍTICA DE CULTURA: reflexões sobre a inserção do profissional de serviço social. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL, -, 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. [S.L.]: -, 2015. p. 1-6.

PESTANA, Aretha Bley. Cultura como prática de cidadania: uma perspectiva ampliada do conceito. **Serviço Social em Revista**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 85–103, 2011. DOI: 10.5433/1679-4842.2011v13n2p85. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7779>. Acesso em: 13 jul. 2024.

SIMIONATTO, Ivete. Gramsci: Sua teoria, incidência no Brasil, Influência no Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2011.